

8. Sinais do Reino e a Nova Vida: Muito Além do Milagre na Porta Formosa (At 3:1-4:4; Dt 18:15; Jo 6)

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 20/11/2025 09:03

O Cenário do Milagre: A Cura na Porta Formosa

A narrativa bíblica presente no livro de Atos dos Apóstolos nos conduz de um momento de grande efervescência espiritual, o Pentecostes, para o estabelecimento da rotina da igreja primitiva. Após a conversão de quase três mil pessoas, o texto de Lucas, no capítulo 3, direciona o foco para um evento singular que desencadearia uma nova expansão da fé cristã: a cura de um homem coxo à porta do templo.

É fascinante observar o contexto histórico e religioso descrito. Pedro e João subiam ao templo para a oração das três horas da tarde. Este detalhe revela que, naquele momento inicial, a fé em Jesus não era vista como uma religião separada ou desligada do judaísmo. Os primeiros cristãos eram percebidos — e agiam — como um movimento de renovação dentro da própria fé judaica, mantendo seus costumes de oração e frequência ao templo.

Neste cenário cotidiano, encontrava-se um homem coxo de nascença. Mais adiante, no capítulo 4, as escrituras revelam que este homem tinha mais de 40 anos (Atos 4:22). Ele era colocado diariamente na porta do templo, conhecida como "Formosa", para pedir esmolas.

"E era trazido um homem que desde o ventre de sua mãe era coxo, o qual todos os dias punham à porta do templo, chamada Formosa, para pedir esmola aos que entravam." (Atos 3:2)

A localização exata da "Porta Formosa" gera debates entre estudiosos. Alguns sugerem que seria a porta de Susa (Portão Dourado), que dava acesso direto ao Pátio dos Gentios; outros acreditam que seria a porta de Nicanor, que separava o Átrio das Mulheres do Átrio de Israel. Independentemente da arquitetura exata, o fato central é a visibilidade: aquele homem era uma figura pública e notória. Devido à sua idade e à frequência com que era deixado ali, é provável que a grande maioria dos frequentadores do templo — incluindo os próprios apóstolos e, possivelmente, Jesus durante seu ministério terreno — já tivessem cruzado com ele inúmeras vezes.

No entanto, aquele dia reservava algo distinto. Ao pedir uma esmola, o homem recebeu uma resposta inesperada de Pedro. O apóstolo não ofereceu recursos financeiros, mas algo que transcendia a materialidade:

"Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho isso te dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda." (Atos 3:6)

O resultado foi imediato. O homem, cujos pés e tornozelos se firmaram, não apenas andou, mas saltou e entrou no templo louvando a Deus. A comoção foi geral. O povo, ao reconhecer aquele que por décadas pedia esmolas, foi tomado de espanto e admiração, correndo para o local conhecido como Pórtico de Salomão. O palco estava montado não apenas para celebrar um milagre físico, mas para uma confrontação teológica necessária.

A Reação da Multidão e a Verdadeira Fonte de Poder

A cura do homem coxo gerou um alvoroço imediato. O texto bíblico relata que todo o povo, perplexo, correu para junto dos apóstolos no local denominado Pórtico de Salomão. A reação da multidão é compreensível do ponto de vista humano: diante do sobrenatural, a tendência natural é buscar a fonte de poder visível. Os olhos de todos estavam fixos em Pedro e João, como se eles fossem portadores de uma habilidade mística especial ou de uma santidade superior que lhes permitisse manipular a realidade.

É neste momento crucial que Pedro intervém para corrigir a percepção equivocada do povo. Em vez de aceitar a glória ou permitir que a multidão os exaltasse, o apóstolo redireciona imediatamente o foco. A sua pergunta retórica é cortante e fundamental para a teologia cristã:

"Homens israelitas, por que vos maravilhais disto? Ou, por que olhais tanto para nós, como se por nossa própria virtude ou santidade fizéssemos andar este homem?" (Atos 3:12)

Pedro desmonta duas suposições comuns da religiosidade humana: a ideia de que o milagre ocorre pelo **poder próprio** do líder religioso ou pela sua **piiedade** (santidade/mérito). Ele deixa claro que a operação do sobrenatural não é um atestado de mérito pessoal dos apóstolos, nem fruto de uma capacidade humana intrínseca.

Para fundamentar o milagre, Pedro conecta o evento diretamente à tradição e à história daquele povo, invocando o "Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó". Ao fazer isso, ele estabelece que o que aconteceu não é uma inovação estranha ou uma ruptura com o Deus de seus pais, mas sim a glorificação do Servo Jesus.

Há um contraste dramático estabelecido na narrativa de Pedro. Ele aponta que o Deus dos patriarcas glorificou a Jesus, a quem o povo havia traído e negado diante de Pilatos. A acusação é severa e expõe a contradição moral daquela sociedade:

"Vós negastes o Santo e o Justo, e pedistes que se vos desse um homem homicida. E matastes o Príncipe da vida, ao qual Deus ressuscitou dentre os mortos, do que nós somos testemunhas." (Atos 3:14-15)

Aqui reside a verdadeira fonte de poder. O milagre não aconteceu porque Pedro e João eram especiais, mas porque **Jesus está vivo**. A cura física do coxo serviu como uma prova tangível da Ressurreição. Se Jesus estivesse morto, seu nome não teria poder. O fato de o homem andar era a evidência de que o "Autor da Vida", embora assassinado pelos homens, foi vindicado por Deus.

Pedro conclui esta explicação enfatizando que foi a fé no nome de Jesus que fortaleceu aquele homem. A saúde perfeita foi restaurada não por mágica, mas pela autoridade do Cristo ressurreto. O sinal, portanto, não tinha o propósito de exaltar os mensageiros, mas de validar a mensagem de que a morte não conseguiu reter o Messias.

O Foco da Pregação: Ressurreição, não Apenas Cura

Um dos pontos mais intrigantes da narrativa de Atos 3 é o conteúdo da mensagem de Pedro imediatamente após o milagre. Ao analisar o texto com atenção, percebe-se que o discurso do apóstolo não é uma "teoria sobre como receber milagres", nem uma promessa de que todos os presentes seriam curados de suas enfermidades físicas.

Se observarmos a prática contemporânea, é comum que, após um evento sobrenatural, a pregação

gire em torno da repetição daquele feito: "Tenha fé como este homem e você também receberá". No entanto, a escritura nos mostra um caminho diferente. O texto bíblico relata que o homem coxo pediu uma esmola, não a cura. A iniciativa partiu de Pedro e João, impulsionados pelo Espírito, e não necessariamente de uma fé prévia do homem em ser curado naquele instante.

Pedro não utiliza o evento para promover uma campanha de cura, mas para anunciar a **Ressurreição**. O milagre serviu como um sino que tocou para atrair a atenção das pessoas, mas a mensagem principal não era o sino; era o que ele anunciava.

"Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor." (Atos 3:19)

A ênfase recai sobre a mudança de vida (metanoia) e a realidade espiritual. Pedro confronta os israelitas com a necessidade de arrependimento, ligando a cura física do coxo à necessidade de cura espiritual da nação. O raciocínio é teológico: os sinais miraculosos — como cegos vendo, mudos falando e coxos andando — são evidências de que o Reino de Deus entrou em choque com a realidade humana caída.

Quando Jesus (e seus apóstolos em Seu nome) realiza um milagre, Ele está demonstrando como é a realidade no Seu Reino:

- No Reino de Deus, ninguém é surdo; por isso o surdo ouve.
- No Reino de Deus, ninguém é coxo; por isso o paralítico anda.
- No Reino de Deus, a morte não existe; por isso os mortos ressuscitam.

O milagre é, portanto, um **sinal** (do grego *semeion*) que aponta para uma realidade superior e eterna. Ele não é um fim em si mesmo. Se o foco fosse apenas o bem-estar físico, a pregação seria incompleta, pois mesmo aquele homem curado eventualmente morreria. O foco de Pedro é garantir que, através daquele sinal, a multidão compreenda que a verdadeira vida — a vida eterna e ressurreta — está disponível através de Jesus.

Assim, a pregação redireciona os ouvintes de uma expectativa de *solução de problemas temporários* para a necessidade urgente de *reconciliação eterna*. A cura do corpo aponta para a restauração de todas as coisas, que culminará no retorno de Cristo, mas a porta de entrada para essa nova realidade é o arrependimento e a fé na Ressurreição.

A Continuidade das Escrituras: De Moisés a Cristo

Para validar a sua mensagem diante de uma audiência judaica dentro do próprio templo, Pedro não apela para uma nova doutrina, mas recorre à autoridade suprema daquele contexto: as Escrituras Sagradas. O apóstolo demonstra que o evento do Pentecostes e a cura do coxo não eram desvios da fé, mas o cumprimento exato daquilo que foi profetizado por séculos.

Pedro estabelece uma linha contínua de revelação que culmina na pessoa de Jesus. Ele começa citando Moisés, o grande legislador de Israel, referindo-se à profecia de Deuteronômio:

"O Senhor Deus vos levantará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim; a ele ouvireis em tudo quanto vos disser. E acontecerá que toda a alma que não escutar esse profeta será exterminada dentre o povo." (Atos 3:22-23; cf. Dt 18:15, 19)

Ao invocar Moisés, Pedro afirma que Jesus é o profeta prometido, aquele cuja autoridade supera a do

próprio Moisés. Em seguida, ele amplia o escopo mencionando "todos os profetas, desde Samuel e todos quantos depois falaram", afirmando que todos eles anunciaram "estes dias".

"O Senhor, seu Deus, fará com que do meio de vocês, do meio dos seus irmãos, se levante um profeta semelhante a mim; a ele vocês devem ouvir. De todo aquele que não ouvir as minhas palavras, que ele falar em meu nome, disso lhe pedirei contas." (Deuteronômio 18:15,19)

Esta perspectiva transforma a leitura do Antigo Testamento. Segundo a argumentação apostólica, o foco das escrituras hebraicas não era apenas a história política da nação de Israel, a sucessão de reis terrenos ou a conquista territorial. O objetivo central da profecia bíblica sempre foi **Cristo**.

- **Moisés** apontava para um libertador maior.
- **Samuel** e a linhagem de Davi apontavam para um Rei Eterno.
- **Abraão** recebeu a promessa de que "na sua descendência seriam benditas todas as famílias da terra" (Gn 12:3; At 3:25).

Abençoarei aqueles que o abençoarem e amaldiçoarei aquele que o amaldiçoar. Em você serão benditas todas as famílias da terra. (Gênesis 12:3)

Pedro reinterpreta a aliança abraâmica: a bênção não é restrita a uma etnia ou a um território demarcado, mas é uma promessa universal de salvação ("todas as famílias da terra") que se cumpre em Jesus. O Antigo Testamento, portanto, deixa de ser apenas a crônica de um povo no deserto rumo a uma terra física e passa a ser entendido como a sombra de uma realidade espiritual maior: a peregrinação de um povo (a Igreja) através do deserto deste mundo, guiados não apenas por uma nuvem, mas pelo Espírito, rumo à verdadeira Terra Prometida, o Reino dos Céus.

A conclusão teológica é que a história bíblica não converge para o estabelecimento de um estado político, mas para a ressurreição e a formação de uma nova humanidade em Cristo.

O Choque de Realidades: Religião versus Reino de Deus

A pregação de Pedro no templo revela uma das contradições mais profundas da história humana: o conflito entre a religião institucionalizada e a manifestação viva de Deus. O apóstolo dirigia-se a homens piedosos, israelitas que estavam no "Templo de Deus", praticando a "religião de Deus", sob a liderança de "sacerdotes de Deus" e lendo a "Lei de Deus". No entanto, foram exatamente estas estruturas e pessoas que entregaram à morte o "Filho de Deus".

Esta dissonância cognitiva levanta uma questão fundamental: se a religião oficial perseguiu e matou o autor da vida, um dos dois lados não representa verdadeiramente a Deus. A narrativa sugere que a religião pode existir como um sistema autônomo de regras, ritos e dogmas, funcionando perfeitamente mesmo sem a presença genuína do divino.

Para compreender esta distinção, é útil analisar os pilares que frequentemente sustentam a religiosidade humana em contraste com o Reino de Deus. A religião, em seu sentido negativo e legalista, opera geralmente sobre uma base transacional fundamentada em três motivadores:

1. **O Medo:** O indivíduo cumpre ritos e sacrifícios para apaziguar uma divindade irada, temendo punições ou castigos caso falhe.
2. **A Culpa:** A consciência do erro leva a uma tentativa constante de "pagar" pelo pecado através de penitências ou ofertas, num ciclo interminável de endividamento moral.
3. **O Benefício:** A relação com o divino é pautada pelo interesse de troca — "eu faço isso para

que Deus me dê aquilo". A obediência torna-se uma moeda para comprar favores ou prosperidade.

Neste sistema, o fiel é um prisioneiro de sua própria performance. Se ele sai da linha, perde a "cobertura" ou a bênção.

Em total oposição, o Reino de Deus apresentado no Evangelho opera pela lógica da **Graça**. A cura do coxo na Porta Formosa ilustra isso perfeitamente: o homem não fez nada para merecer o milagre; ele pediu uma esmola e recebeu uma nova vida. No Reino, a motivação para a devoção não é o medo, a culpa ou a barganha, mas a **gratidão** e o **amor**.

"Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna." (João 6:68)

Imagine duas pessoas em um mesmo culto. Ambas cantam, oram, se ajoelham e ofertam. Externamente, suas ações são idênticas. Porém, internamente, habitam universos opostos.

- A primeira faz tudo isso porque se sente culpada, teme o inferno ou deseja uma bênção financeira. Ela está presa à religião.
- A segunda faz as mesmas coisas porque se reconhece amada, perdoada e salva sem méritos próprios. Ela é livre no Reino.

A denúncia de Pedro — "vós matastes o Autor da vida" — é um convite para abandonar a religiosidade que aprisiona e mata, para abraçar a fé que vivifica. A conversão (metanoia) proposta não é apenas uma mudança de moralidade, mas uma troca de sistema operacional: sair da tentativa de controlar Deus através de ritos para um relacionamento de confiança no Deus que já nos aceitou em Cristo.

☐☐ Quem eram os Saduceus e por que se irritaram?

Para entender a reação violenta narrada em Atos 4, é crucial distinguir os dois principais grupos religiosos da época:

- **Os Saduceus (Os acusadores):** Eram a elite sacerdotal e aristocrática que controlava o Templo e o Sinédrio (o tribunal judaico). Eram conhecidos pelo pragmatismo e materialismo: **não acreditavam na ressurreição**, na vida após a morte, nem em anjos ou espíritos. Aceitavam apenas os cinco livros de Moisés (Torá) e rejeitavam as tradições orais.
- **Os Fariseus:** Eram mestres da lei com grande influência popular nas sinagogas (classe média). Ao contrário dos saduceus, eles **acreditavam na ressurreição**, no juízo final e no mundo espiritual.

O ponto de tensão: Quando Pedro e João pregavam "em Jesus a ressurreição dentre os mortos" dentro do Templo, eles estavam atacando o dogma central dos Saduceus no próprio território deles. Para os líderes do Templo, aquilo não era apenas uma heresia teológica, mas uma ameaça à sua autoridade política.

Conclusão: Metanoia e a Vivência no Deserto

A mensagem final extraída do evento na Porta Formosa e da subsequente pregação de Pedro culmina em um convite urgente: **"Arrependei-vos e convertei-vos"**. No original grego, a palavra

para arrependimento é *metanoia*, que significa literalmente uma mudança de mente. Não se trata apenas de remorso emocional, mas de uma troca completa da "mentalidade" — como substituir o software de operação da vida.

Esta *metanoia* é essencial para compreendermos a nossa jornada atual. A narrativa bíblica utiliza frequentemente a metáfora do deserto. Assim como o povo de Israel caminhou pelo deserto rumo à Terra Prometida, a Igreja caminha neste mundo. Deus provê o maná, a água da rocha, a nuvem de dia e a coluna de fogo à noite; Ele sustenta sobrenaturalmente o Seu povo. No entanto, o deserto continua sendo deserto.

O erro comum da religiosidade é tentar transformar o deserto em paraíso através da exigência de milagres constantes, ou desanimar quando o milagre não acontece. A perspectiva do Reino nos ensina que os sinais (curas, provisões) são "frestas" da eternidade que iluminam o nosso tempo presente. Eles nos lembram de que existe uma realidade superior onde não há dor, nem choro, nem morte. Quando um coxo anda, o Reino está dizendo: "Na minha realidade, todos andam".

Portanto, a vida cristã madura não é a garantia de ausência de problemas, mas a certeza de uma nova natureza em meio aos problemas. É viver com os pés neste chão árido, mas com a cabeça e o coração ancorados na eternidade.

O verdadeiro milagre, superior até mesmo à cura física daquele homem, é o **novo nascimento**. É a capacidade de um ser humano, viciado em si mesmo e na sua religiosidade de troca, morrer para o seu ego e renascer para Cristo. Talvez o maior sinal que possamos oferecer ao mundo não seja apenas o sobrenatural visível, mas o milagre de um caráter transformado: homens e mulheres que perdoam o imperdoável, que amam sem esperar retribuição e que mantêm a paz em meio à tempestade.

Assim, o chamado que ecoa desde o Pórtico de Salomão até os dias de hoje permanece o mesmo: abandonarmos a religião do medo e da culpa para abraçarmos a vida ressurreta em Cristo. Enquanto caminhamos neste mundo, somos convidados a ser "sinais" vivos desse Reino vindouro, novas criaturas que, embora pisem na velha terra, já respiram o ar da Nova Jerusalém.

A Casa da Rocha. **#08 - Sinais apontam para o Reino - Zé Bruno - Meu Caro Amigo 2** .
Disponível em: <https://youtu.be/v7A9Xg4jn24?list=PLkbDR2iRMv7uF1bg8Y0ieodN5mroiNLqU>